

Mitos: pilares que sustentam o patriarcado na perspectiva de Simone de Beauvoir

Mitos: pilares que sostienen el patriarcado, en la perspectiva de Simone de Beauvoir

Myths: the pillars that sustain patriarchy according to Simone de Beauvoir's perspective

Ivonete Pinheiro

Maria Luzia Miranda Álvares

Resumo: este estudo alinha-se ao exposto por Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*, tendo como principal objetivo identificar os mitos que estruturam e fomentam as bases do patriarcado, até os dias atuais, colaborando para construir a representação da mulher como sujeito social secundário nos vários âmbitos da sociedade. A autora identifica os motivos pelos quais os homens julgaram útil estabelecer seus códigos e suas leis sobre este gênero, mantendo-o sob a sua dependência. Evidencia-se ainda o modo como os mitos justificam as desigualdades entre os sexos e se fundamentam para manter o modelo patriarcal dinâmico, utilizando o imaginário social para se afirmar como categoria dominante, considerando a resistência temporal dos mitos, que sofrem lentas modificações. Através deles e de forma sutil, os homens estabeleceram suas leis e costumes, criando imagens que se incorporam ao imaginário social. Este trabalho consiste em uma análise dos dois volumes da obra *O Segundo Sexo*, trazendo à tona a sua relevância para os estudos de gênero. Após a publicação da obra, o feminismo garantiu várias conquistas, e muito do que Beauvoir escreveu permanece atual.

Palavras-chave: Gênero. Simone de Beauvoir. Mitos. Feminismo. Patriarcado.

Resumen: este estudio se alinea con el expuesto por Simone de Beauvoir en *El Segundo Sexo*, tiene como principal objetivo identificar los mitos que estructuran y fomentan las bases del patriarcado, hasta la actualidad, colaborando para construir la representación de la mujer como sujeto social secundario en distintos ámbitos de la sociedad. La autora identifica los motivos que los hombres juzgaron útiles para establecer sus códigos y sus leyes sobre este género, manteniéndolos bajo su dependencia. También se evidencia el modo como los mitos justifican las desigualdades entre los sexos y se fundamentan para mantener el modelo patriarcal dinámico, utilizando el imaginario social para afirmarse como categoría dominante, considerando la resistencia temporal de los mitos, que sufren lentas modificaciones. A través de ellos y de manera sutil, los hombres establecieron sus leyes y costumbres, crearon imágenes que se incorporaron al imaginario social. Este trabajo consiste en el análisis de los dos tomos de la obra *El Segundo Sexo*, trayendo a la luz su relevancia para los estudios de género. Tras la publicación de su obra, al feminismo le garantizó muchas conquistas, y muchos de los escritos de Beauvoir permanecieron actuales.

Palabras clave: Género. Simone de Beauvoir. Mitos. Feminismo. Patriarcado.

Abstract: this study aligns itself with Simone de Beauvoir's ideas put forward in *The Second Sex*. Its main purpose is to identify the myths that have structured and fostered patriarchy and that have helped build the representation of women as secondary social subjects in the different spheres of society up to present days. The author identified the reasons why men deemed necessary to establish their codes and laws regarding the female gender to keep it under their domain. It seeks to establish how the myths are used to justify the inequalities of the sexes and sustain the dynamic patriarchal model. It also seeks to establish how patriarchy makes use of social imagery to maintain itself as the dominant system considering that myths stand the test of time and, thus, undergo slow changes. In a subtle way, men established their customs and laws through myths and created images that have been incorporated into social imagery. This paper provides an analysis of the two volumes of *The Second Sex* and stresses their relevance to gender studies. Many feminist achievements followed the publication of *The Second Sex* and much of what Simone de Beauvoir wrote then displays a continued relevance until nowadays.

Keywords: Gender. Simone de Beauvoir. Myths. Feminism. Patriarchy.

Ivonete Pinheiro – graduanda do Curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC/UFPA. Associada do GEPEM/UFPA. E-mail: ivonetepinheiro21@gmail.com

Maria Luzia Miranda Álvares – doutora em Ciência Política/IUPERJ. Docente da Faculdade de Ciências Sociais/IFCH/UFPA. Coordenadora do GEPEM (Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre mulheres e relações de gênero). E-mail : luziamiranda@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo é uma contribuição aos estudos de gênero, ao evidenciar os mitos ou representações coletivas que sustentam e justificam as diferenças nas relações entre homens e mulheres. Usualmente, estas relações são previamente reguladas a partir e em benefício do gênero masculino, por meio da construção da imagem simbólica da mulher, como a de um ser humano “outro”. Neste sentido, o artigo se alinha ao exposto por Simone de Beauvoir no livro “O Segundo Sexo”, tendo como principal objetivo identificar os mitos que estruturam e fomentam – até nossos dias – as bases do patriarcado, colaborando, assim, para construir a representação das mulheres como sujeito social secundário nos vários âmbitos da sociedade.

O livro “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, surge num contexto pós-Segunda Guerra Mundial, e de forma inesperada, pois tratava da condição feminina, uma questão que as pessoas preferiam considerar já resolvida. Ao abordar um assunto que praticamente ninguém pesquisava, a iniciativa da filósofa foi considerada ousada, pois lançou luzes sobre uma nova temática à época, e sob a perspectiva feminina. O estudo expunha as ideias de Beauvoir sobre temas polêmicos, como questões ligadas à independência feminina e o papel da mulher na sociedade. Ao questionar o casamento como instituição, a maternidade como destino obrigatório e denunciar a opressão sobre a condição feminina, o livro “O segundo sexo” tornou-se um dos pilares da luta feminista. Por efeito, Beauvoir sofreu preconceitos e difamação no meio intelectual, sendo acusada de não ter ideias próprias e copiar os pensamentos de Jean-Paul Sartre¹. Ainda assim, deu prosseguimento aos seus estudos.

¹ Refiro-me ao seu companheiro, filósofo Jean Paul Sartre, um dos pioneiros nos estudos sobre o existencialismo, com quem manteve um relacionamento por mais de 40 anos.

O uso desses conceitos estabelecem as estratégias das representações de dominação: transformar a mulher em algo diferente do humano, mantê-la na condição de Outro, convencê-la de que esse é seu destino aprisionando-a na posição de passividade para evitar sua resistência contra quem a oprime.

Em cada página dos dois volumes do “Segundo Sexo”, Simone de Beauvoir dedica-se a revelar como a imagem da mulher foi sendo construída e representada ao longo dos séculos. Nessa representação, a mulher simboliza a beleza, a pureza, a perfeição, o bem, a virtude, o amor maternal, a “natureza” acolhedora e benévola. Beauvoir observa, contudo, que essas dimensões simbólicas não passam de construções sociais. E esses conceitos sustentam e estabelecem as estratégias de dominação masculina, no sentido de transformar a mulher em um ser que difere da própria condição humana, mantê-la na condição de “outro” e convencê-la a assumir esse papel, o que resultou no aprisionamento da mulher na posição de passividade para evitar a sua resistência contra quem a oprimia.

Nesta perspectiva analítica da obra de Simone de Beauvoir, este artigo apresenta-se como uma contribuição aos estudos de gênero, no sentido de evidenciar em que se sustentam as diferenças entre os sexos e em que estas se apoiam para justificar as desigualdades nas relações de gênero, e de que modo o homem se beneficia pelo fato de a mulher não se inteirar de sua condição, sendo assim construída a sua imagem como o Outro. Este enfoque consiste em compreender a posição que a mulher assume nas construções sociais reproduzidas no decorrer da história, com ênfase nos mitos construídos em torno do universo feminino, que estão presentes de forma marcante nas sociedades desde os tempos mais remotos, sobrevivem ao tempo ou evoluem lentamente e vêm se

perpetuando na atualidade no sentido de legitimar a representação da mulher como sujeito secundário nos vários âmbitos da sociedade.

1. Apreensão do conceito de mito

Para Simone de Beauvoir, o conceito de mito reveste-se de complexidade:

“[...] Ele não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem nunca prostrar-se diante delas como um objeto imóvel [...]” (Beauvoir, 1970, p.181)

Os mitos ultrapassam os limites do tempo e do espaço. Manifestam-se de maneira singular na mente de cada pessoa, conforme o contexto histórico-social da comunidade na qual estão inseridos. Aparentam muitas vezes inércia, pois se alteram tão lentamente que as mudanças são praticamente imperceptíveis. Tal condição os torna ainda mais complexos, quando se leva em consideração que sua transmissão ocorre de forma oral, de uma geração para outra. Desta maneira, o mito se mantém no cotidiano de forma sutil e com aparência agradável, influenciando diretamente na construção individual de cada sujeito. Na visão de Mircea Eliade (1972), os mitos são um ingrediente vital para a civilização humana. Longe de se constituírem em uma fabulação, eles são uma realidade viva e abstrata, que integra o processo de socialização do sujeito.

A principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto da alimentação ou casamento; quanto o trabalho; a educação, a arte ou a sabedoria [...] (ELIADE, 1972, p.13).

Segundo o pesquisador, o mito é tão fluído e contraditório, a ponto de confundir-se; e, ao mesmo tempo, à luz e às trevas, podendo ser a salvadora da humanidade e a arrastar para perdição.

2. Eva, maldição que se perpetua

Este mito constrói em torno da mulher uma imagem negativa, definindo-a como traiçoeira e mentirosa. Não obstante, permanece vivo, pois o cristianismo não permite que ele morra ou enfraqueça, já que a bíblia explica a submissão da mulher como um dos castigos consequentes do pecado original por ela cometido.

“[...] Multiplicarei grandemente a dor da tua conceição; em dor darás a luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará [...]”. (BÍBLIA, Cap. 3)².

Segundo a Bíblia, Eva não foi criada especificamente para adorar a Deus, mas para fazer companhia a Adão, que se sentia só. Dessa forma, o seu destino se resumiu a salvar o homem da solidão, e nele teve o seu início e seu fim, diferente do destino de Adão, que era o de servir a Deus. Porquanto, no mito da criação a mulher se apresenta como uma presa privilegiada. Ela deve ocupar o lugar de esposa submissa, que busca se adequar ao seu destino inevitável. Eva é o símbolo da traição e do pecado, pois foi responsável pela expulsão do casal do Éden, e também da mulher falsa e traiçoeira, pois traiu a Deus e induziu seu esposo a fazer o mesmo. Nesta representação, o mito de Eva revela uma das faces que a visão religiosa judaico-cristã atribui à mulher e que a persegue há séculos, sendo reforçado pela família. Por efeito, este mito vem sendo utilizado para

² Cf. Gênesis 3:16 In: <http://bibliapor-tugues.com/jfa/genesis/3.htm>

impedir a mulher de realizar seus anseios pessoais e serve de justificativa para proibir o sexo feminino de desempenhar cargos sacerdotais. Portanto, Eva representa a mulher como sendo o lado obscuro do ser humano, a tentação, os desejos da carne e o pecado do sexo. Por estes motivos, os homens devem afastar quaisquer possibilidades de progresso individual ou social das mulheres.

3. O mito de Maria

Maria, que aceitou a sua sina sem contestação, é a mais elevada representação cristã da mulher. A partir da propagação do cristianismo, este mito ganhou força através da igreja católica, da família e perdura até hoje. Na perspectiva deste mito, o sexo feminino deve permanecer sempre obediente e dócil para obter a salvação no plano espiritual. Para tanto, a mulher teria como função principal a procriação e estaria destinada a desempenhar - por excelência e durante toda a vida - o papel de filha, esposa e mãe.

Assim, a concepção mítica de Maria decorre do consenso genérico do instinto maternal, que seria inerente a toda mulher. Encerra ainda um conceito de maternidade imaculada, construído a partir da concepção assexuada do nascimento de Jesus, atribuindo à condição feminina de Maria um *status* de perfeição inatingível às outras mulheres.

Como as representações coletivas e, entre outros, os tipos sociais definem-se geralmente por pares de termos opostos, a ambivalência parecerá uma propriedade intrínseca do Eterno Feminino. A mãe santa tem como correlativo a madrasta cruel; a moça angélica, a virgem perversa: por isso ora se dirá que a Mãe é igual à Vida, ora que é igual à Morte, que toda virgem é puro espírito ou carne votada ao diabo [...] (BEAUVOIR, 1970, p. 298).

Os mitos de Maria e de Eva exemplificam a ambivalência que cerca a representação religiosa do sexo feminino ao longo dos séculos. Estes mitos moldam uma percepção social antagônica, pois rebaixam a mulher ao nível mais desprezível e a elevam ao nível da pureza e santidade. Assim, a mulher é apresentada tanto como luz e quanto a mais temível treva. Através do mito de Maria, a igreja concede à mulher a possibilidade de sair da condição pecaminosa por ser descendente de Eva.

Vejamos o que diz Santo Irineu sobre as duas personagens:

A desobediência de Eva foi causa da morte para ela própria e para toda a humanidade. Apesar de Maria também ter tido um marido escolhido para si, sendo apesar disso virgem, pela sua obediência ela foi a causa da salvação para si própria e para toda humanidade [...] o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria (MONTEIRO et al., 2013, p. 38).

Destarte, a possibilidade de a mulher sair da condição pecaminosa foi concedida através de um modelo idealizado da mulher como a figura da mãe, esposa e virgem. Assim, ao enfatizar a maternidade e a virgindade esse discurso determina quais os papéis socialmente desejáveis para a mulher. A pregação da virgindade como atributo essencial à figura feminina não se limita ao ato sexual ou aos órgãos sexuais, e inclui os desejos, os pensamentos e a aparência feminina. Em razão disso, a mulher deve esconder qualquer sentimento em relação à sexualidade, privando-se do prazer, por ser vergonhoso senti-lo, visto que a sua função é satisfazer os desejos carnis do seu esposo. Essa simbologia da virgindade está associada não só à pureza espiritual feminina, mas à visibilidade dessa pureza.

4. O mito da feminilidade

Em troca de sua liberdade, presentearam-na com os tesouros falazes de sua ‘feminilidade’. Balzac descreveu muito bem essa manobra quando aconselhou ao homem que a tratasse como escrava, persuadindo-a de que é rainha [...]. (BEAUVOIR, 1967, p. 486).

A feminilidade começa ser incentivada na mulher desde a infância. Quando criança, a menina passa a levar certa vantagem no que diz respeito à atenção dos pais em relação aos filhos, pois é mais mimada e tratada com carinho, sendo permitido o coquetismo, pois ela deve despertar a admiração pelo seu comportamento e aparência. Por outro lado, ao menino é imposta a independência prematura, visto que ele não deve solicitar ou receber carinhos. Trata-se do único momento de desprestígio do sexo masculino em relação ao feminino. Todavia, esta condição de inferioridade é logo superada, pois os adultos o convencem de que esta submissão decorre justamente da superioridade inerente ao gênero masculino: “Nós somos homens, deixemos isso para as mulheres” [...] (BEAUVOIR, 1967, p. 13).

Outra característica percebida ainda na infância refere-se à imposição do papel da mulher quanto à sua vocação e à conduta a ser assumida com a sua inserção no “mundo feminino”. Desde cedo, ensinam-lhe as tarefas domésticas, a cuidar dos irmãos mais novos, entregam-na aos cuidados de outras mulheres e lhe orientam na arte de seduzir e no recato, ditando-lhe as regras de comportamento. Beauvoir afirma que, não raro, algumas mães impõem essas regras às filhas, como uma forma de punição, seja por terem sido induzidas a desempenhar um papel social pré-determinado, seja por serem impedidas de exercer a sua própria feminilidade.

Em *O Segundo Sexo* Beauvoir descreve algumas normas e instruções repassadas às jovens, principalmente pelas mães, preparando-as para o que lhes reserva o destino, num futuro próximo: o casamento. Para ser socialmente aceita, é preciso que a menina assuma uma postura dócil, impotente, fútil e passiva. Elas devem saber se pentear e usar penteados sapatos e roupas incômodas, mesmo a contragosto, além de dominar a arte da sedução, mas de forma sutil, sem transparecê-la, pois este papel seria dos homens. No caso de possuírem capital social, capacidade intelectual; habilidades práticas e conhecimentos etc.; elas não devem transparecer estas qualidades, de forma a incutir nos homens a impressão de estarem sempre numa posição superior. Por fim e acima de tudo, a moça deve compreender e aceitar que o seu futuro está inevitavelmente associado ao sexo masculino. Apesar dessas imposições, Beauvoir afirma que o casamento é uma “carreira” tão honrosa e cansativa quanto tantas outras carreiras profissionais, no entanto, possibilita a ascensão social e a realização sexual da mulher.

Quando adulta, a mulher deve esperar passivamente até ser escolhida e cortejada, a iniciativa não deve ser sua, pois os homens não valorizam as mulheres com grande capital social, cultas e aptas a se comportar em pé de igualdade com eles. Por mais que seja dotada desses atributos, ela deve transparecer o contrário para agradá-lo, de forma que se sinta superior. Assim, ser feminina é mostrar-se impotente, passiva, fútil e dócil.

A filósofa ressalta ainda o “mistério feminino”, que seria próprio à natureza da mulher e estaria enraizado no coração dos homens. Beauvoir resume este “mistério”, como uma alegoria simbólica à qual se atribui uma “existência”; e cuja definição ou tradução extrapola o campo da linguagem. Ou seja, o “mistério feminino” teria significados que transcendem a compreensão e fogem ao entendimento do ser humano. Tal concepção permitiria ao homem omitir a sua ignorância

em relação à condição da mulher. Ao mesmo tempo, o “mistério feminino” afasta a possibilidade de uma análise crítica sobre o papel secundário reservado ao gênero feminino na sociedade. Neste contexto, o homem passa a conceituar e a “enxergar” a mulher como um ser complexo, “complicado”. Em decorrência, quando o “mistério feminino” é assimilado de forma consensual por homens e mulheres, manifesta-se o mito da feminilidade.

Beauvoir evidencia que a utilização do mito da feminilidade tem o propósito de estereotipar o comportamento da mulher. Segundo ela, a construção deste mito se origina durante a infância, quando se concede ao menino a liberdade de descobrir o ambiente externo que o rodeia. A ele é permitido brincar, correr e até mesmo usar de violência para enfrentar outros meninos. Em contrapartida, o espaço destinado à circulação da menina é restrito ao ambiente doméstico e aos externos que lhes são permitidos. Este cenário seria adequado ao comportamento passivo inerente à condição biológica de ser mulher. Contudo, Beauvoir afirma que a passividade feminina resulta concretamente das construções impostas pela sociedade, que, por sua vez, são reforçadas pelo sistema educacional e pela família. Trata-se de construções que, em última análise, refletem os valores masculinos.

Na visão da autora, o mito da feminilidade seria imposto à menina de forma sutil e silenciosa, por meio de atividades lúdicas, desde que não estimulasse rivalidade entre elas e os meninos. Para tanto, as meninas são induzidas a brincar com miniaturas de utensílios domésticos, replicando, assim, as funções que deverão desempenhar quando adultas. Dentre os brinquedos, a boneca desempenharia um papel determinante para a interiorização do mito da feminilidade. Por se tratar de um objeto inanimado, a boneca expressa concretamente a passividade feminina. Além disso, a boneca pode ser a representação de uma criança, despertando assim o “instinto materno”, ou de uma moça, incentivando a menina a se preocupar desde cedo com a aparência pessoal. Neste aspecto, a mulher “necessita” aprender que para agradar aos homens e à sociedade – seja menina, jovem ou adulta – ela precisa ser bonita, à semelhança de uma boneca.

5. Os mitos são fortes o suficiente para vencer o tempo

Os mitos estão intrinsecamente ligados à história das sociedades humanas e constituem a essência cultural de um povo. O mito tem funções específicas e abrangentes, de acordo com o contexto histórico e sociocultural, podendo ser usado para explicar um fenômeno considerado sobrenatural ou para justificar a condição secundária da mulher na sociedade. Quanto às relações de gênero, os mitos vêm sendo utilizados com o fim de divinizar ou demonizar a mulher. Em ambos os casos, esta é compelida a cumprir o “seu destino”. Entretanto, com relação ao sexo masculino, os mitos assumem funções distintas e diversificadas. Afinal, os mitos são criados pelos homens e usados em seu benefício, visto que são reverenciados como heróis, príncipes, deuses, que transcendem a condição humana.

Na atualidade, grande parte dos mitos referentes à mulher caiu por terra, seja por descrédito ou em decorrência das transformações socioculturais. Entretanto, em pleno século XXI, ainda há vestígios de mitos ancestrais relativos ao gênero feminino, a despeito das reformulações periódicas ou mutações, alguns mitos subsistem ao tempo e manifestam-se de forma singular nas sociedades em que se delineiam. Mesmo sob nova configuração, esses mitos servem de justificativa e empecilho para a inserção e participação efetiva da mulher em vários campos da sociedade, servindo, inclusive, para inibir funções biofisiológicas que regem o seu próprio corpo, visto que a menstruação, a virgindade e a masturbação se mantêm como “tabus”. Geralmente esses temas são abordados

de modo superficial e inadequado, seja na esfera educacional ou familiar. Em suma, a permanência desses mitos impede que a mulher “experimente” as sensações e desejos do seu corpo, obstrui a realização sexual feminina e reforça o papel social que a mulher é obrigada a desempenhar.

Diante disso, o feminismo adota como uma de suas premissas afirmar a igualdade entre o homem e a mulher em termos de capacidade produtiva e no usufruto dos direitos civis. Por efeito, opõem-se às representações sociais, costumes, instituições e parâmetros que renegam esses princípios igualitários. O feminismo é um movimento de caráter reivindicatório e de resistência organizado por mulheres cientes do papel secundário que tem sido reservado ao gênero feminino e que se propõem a mudar esta conjuntura.

O feminismo vem se reafirmando como um dos movimentos sociais que se situam no campo emancipatório desde sua primeira expressão, na França, em 1789, quando as mulheres organizadas em praça pública queimaram seus reclames e denunciaram a história e a si próprias ao questionamento à ordem estabelecida reivindicando a igualdade e ao afirmarem a liberdade [...] (CISNE, 2008, p. 70).

Apesar das conquistas que o feminismo garantiu às mulheres, elas ainda encontram dificuldades de se afirmar na condição de sujeito autônomo. No geral, destacam-se as regras e convenções impostas à mulher, que se apresentam como um empecilho ao seu crescimento pessoal e profissional, pois, em muitos casos, acumula múltiplas funções como mãe, esposa, dona de casa e profissional. Estas restrições reforçam o sistema patriarcal, confinando as mulheres ao espaço determinado pelas construções sociais engendradas pelas normas e reproduzidas ao longo da história.

A despeito disso, as conquistas obtidas pelas mulheres, a partir de meados do século XX são evidentes. Prova disso é a inserção feminina em esferas da sociedade antes restritas aos homens. Em decorrência desta inserção, surgiu a interpretação errônea de que as mulheres teriam conquistado todos os espaços pelo qual lutavam, e esta suposta “estabilidade” tornaria desnecessária a luta em prol da ampliação dos direitos e da emancipação da mulher. Na realidade, essa aparente “estabilidade” advém das próprias conquistas profissionais e, conseqüentemente, da independência financeira, que permitem o acesso a bens de consumo que podem dar a impressão de que as mulheres estão mais preocupadas em seguir um padrão de beleza para se tornarem socialmente aceitas. Ao contrário, essa nova postura se reflete na autoestima, nos cuidados da saúde e do corpo, antes invisibilizado, na melhoria da qualidade de vida, inclusive como forma de resistência e de fortalecimento da luta contra a opressão historicamente imposta, que continua presente e se manifesta de diversas formas na sociedade atual, evidenciando, sobretudo, o que se define como patriarcado contemporâneo.

Atualmente, o conceito de patriarcado é muito questionado devido sua inflexibilidade se comparado ao conceito de relações de gênero. Lia Zanotta (2000) discute este conceito:

Porque o uso exclusivo de ‘patriarcado’ parece conter já, de uma só vez, todo conjunto de relações: como são é porque são. Trata-se de um sistema ou forma de dominação que, ao ser (re) conhecido já (tudo) explica: a desigualdade de gêneros (ZANOTTA, 2000, p. 3).

Um dos grandes questionamentos sobre ao termo patriarcado consiste também na omissão ou não inclusão de outras relações de gênero além da heterossexual. Apesar deste termo se

apresentar como restritivo e que não atende aos propósitos dos estudos sobre as relações entre os sexos, podemos afirmar que existe um “patriarcado contemporâneo”, e que este se encontra imerso nas mudanças ocorridas ao longo dos anos, decorrentes da luta pela emancipação do sexo feminino e pelo reconhecimento de outras formas de relacionamento entre os gêneros. Os mitos se apresentam como um empecilho que insiste em trazer ao presente obstáculos que já deveriam ter sido superados.

Na atualidade, os estudos sobre relações de gênero pautam-se em análises e fontes teóricas fundamentadas no conceito de gênero, por ser mais abrangente, desconsiderando o conceito de patriarcado. Segundo Zanotta (2000):

Gênero é uma categoria engendrada para se referir ao caráter fundante da construção cultural das diferenças sexuais, a tal ponto de que as definições sociais das diferenças sexuais é que são interpretadas a partir das definições culturais de gênero. (ZANOTTA, 2000, p)

A despeito das novas definições nas questões de gênero, podemos inferir que as relações patriarcais ainda se evidenciam na sociedade contemporânea, apresentando novas características e sob diversas formas, visto que são alimentadas pelos mitos que, por sua vez, permanecem vivos graças ao espaço que lhes é dado no campo social, e pela sua força simbólica tanto na consciência individual quanto em segmentos sociais específicos e no senso comum, que permeiam as múltiplas dimensões da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O predomínio milenar do patriarcado advém das origens da propriedade privada, ao transformar a mulher em um objeto, sob a qual passou a exercer uma relação de domínio e posse. Ao impor a negação da subjetividade feminina, o homem se afirmou como sexo dominante. Para garantir tal condição, estendeu o seu predomínio através da religião e da família. A partir destas instituições, o patriarcado agravou a situação do sexo feminino violentamente, por vários séculos.

A replicação desse processo inicia na infância, momento em que o patriarcado começa a se instalar na consciência de indivíduos de ambos os sexos, de forma a delinear o seu próprio futuro. Assim, princípios do patriarcado são assimilados de tal forma a ponto de dificultar a sua desconstrução, pois o indivíduo o incorpora como um traço sociocultural. A internalização das normas do patriarcado se faz de maneira explícita e implícita, através dos educadores, da família e da sociedade em geral. Desse modo, as representações sociais e os mitos que o fundamentam se tornam “essenciais” na socialização de ambos os sexos, principalmente do feminino. Neste processo, as noções de liberdade e independência, por exemplo, passam a ter conotações diferenciadas e específicas, no que diz respeito aos meninos e às meninas. É um equívoco afirmar que tais diferenciações se estabelecem em função das características físicas e biológicas, referentes ao sexo masculino e feminino. As distinções são impostas de modo deliberado e intencional, de modo a garantir a prevalência do patriarcado.

Entre as formas de imposição, desde a infância o menino é convencido de sua superioridade em relação à menina, por estímulos sociais que o prestigiam, insuflam o seu orgulho e fomentam a sua virilidade. Com esses artifícios, o homem é obrigado a adotar os padrões impostos, ou seja, para legitimar a opressão do patriarcado, o homem torna-se uma vítima dele. Por conseguinte,

para buscar a igualdade entre os gêneros, faz-se necessário compreender o papel do oprimido e do opressor, pois ambos são frutos de um mesmo processo histórico de dominação do patriarcado.

O sistema patriarcal se estabelece no meio social e se utiliza dos mitos para se auto afirmar e garantir a sua perenidade. Eles são a maneira mais eficaz de justificar essa ideologia, e contribuem de forma e decisiva para construção da noção do que é ser homem ou mulher. Foi se utilizando de mitos como o de Maria, Eva, da feminilidade que foram atribuídas várias faces à mulher.

A discussão sobre a libertação do sexo feminino em relação ao patriarcado deve incluir inevitavelmente uma análise sobre os mitos que moldaram as relações de gênero e aprisionaram a mulher a uma condição secundária. Criados pelos homens e para seu próprio benefício, os mitos vêm sustentando o elemento masculino na privilegiada posição hierárquica de chefe e como um elemento social indispensável. Assim, não há a possibilidade de superar o sistema patriarcal sem desmistificar a imagem da mulher. Trata-se de um processo lento, pois envolve o enfrentamento de costumes que resistem ao tempo, atravessando gerações e se manifestando de forma singular em cada sujeito e em vários contextos.

Apesar do hiato temporal que nos separa da época de elaboração da obra “Segundo Sexo”, as ideias de Simone de Beauvoir se mantêm vivas e atuais na sociedade contemporânea. A mudança na condição social da mulher é custosa, mas não impossível. Prova disso se evidencia na evolução sociocultural feminina verificada nas últimas décadas. A criação de leis garantindo e ampliando os direitos da mulher permitiu o acesso feminino em esferas antes restritas aos homens. Entretanto, estas conquistas na esfera legal e institucional não são suficientes. É necessário trabalhar para mudar a mentalidade de homens e mulheres. Somente assim a liberdade tomará seu lugar e haverá, de fato, justiça social.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, de Simone. *O segundo sexo*. 1.Fatos e Mitos. 4 Edição. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: DIFEL, 1970.

BEAUVOIR, de Simone. *O segundo sexo*. 2.A experiência vivida. 2 Edição. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: DIFEL, 1967.

CISNE, Mirla; GURGEL, Telma. *Feminismo, Estado e políticas públicas: desafios em tempos neoliberais para a autonomia das mulheres*. Ser Social, Brasília, DF, v.10, n. 22, jan.jun., 2008.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva. 1972.

MACHADO, Zanotta Lia. *Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?* Brasília, DF, 2000.

MONTEIRO, et ali. *A visão da mulher na Antropologia: mitos criação de crenças em relação à gravidez*. Viseu: Escola Superior de Enfermagem, 2006.

